

Conhecimento e profecia

Aula sobre conhecimento e profecia tomando como base o livro do profeta Zacarias

A profecia antiga

No livro do profeta Zacarias, vemos o poder de Deus manifesto ao homem por meio de seus profetas, que recebendo não apenas inspiração divina, mas a própria voz de Deus a seus ouvidos, são instruídos acerca do que fazer, e do que deve ser anunciado. É interessante notar a faceta de exortador da coletividade na figura do profeta, que ao longo do Velho Testamento é chamado não apenas à correção dos passos de um agente terceiro em especial (como o caso do sumo-sacerdote Josué, em Zc 3), mas constantemente – e essa sua principal característica de ofício – de todo um povo, seja de Moisés guiando os filhos de Abraão pelo deserto, Zacarias e Ageu dirigindo os judeus na reconstrução do Templo, Daniel prestando um sacerdócio diante da Babilônia, Jonas sendo a voz profética de Deus na grande Nínive, Amós em Israel e tantos outros profetas que falaram a um povo em particular.

A palavra “profeta” tem origem hebraica no substantivo *nābî*¹ (navi), e no grego encontramos *prophētēs* (pro, antes; e *phē*, anunciar), ficando claro o papel do profeta bíblico, ver com antecedência o que os outros não podem ver, e anunciar. Esse papel duplo difere o profeta do vidente; constata-se em toda a Escritura que o profeta é pessoa desprezada dentre os seus (Mc 6:4), pois ver o que ninguém pode ver e ainda anunciar, é ação comumente desprezada uma vez que o que é visto pelo profeta não pode ser provado – ainda não aconteceu --, e seu anúncio é quase sempre composto por ao menos uma parte de repreensão, apontando erros e chamando ao arrependimento e correção de postura.

A figura profética não é exclusiva da civilização judaica, temos exemplos bastante conhecidos na literatura grega, onde encontra-se talvez a figura profética mais conhecida de todo o mundo pagão, o Oráculo de Delfos. A lenda grega conta que Zeus, buscando conhecer o centro do mundo, encontra na antiga cidade de Delfos, o “umbigo do mundo”. Assim, instala nessa cidade (hoje não mais existente) seu local de revelação, tal escolha divina se manifestava por meio de exalações terrestres de gases que, ao serem inalados por qualquer pessoa, arrebatava-lhes os sentidos propiciando a ação adivinhatória. Assim, os governantes de Delfos decidem eleger uma profetisa, alguém que fosse posicionada no local evitando que qualquer outra pessoa profetizasse e, ao mesmo tempo, se tornando a “profetisa oficial” do local. Assim, o “oráculo de Delfos” não é uma pessoa em especial ao longo da história, mas um título concedido a mulheres específicas que se revezaram ao longo do tempo no posto de profetiza em Delfos. A partir do momento em que uma mulher se tornava o oráculo, passava a ser chamada “Pítia” (ou pitonisa).



O oráculo de Delfos, por John Collier

¹ Em I Sm 9:9 há um exemplo de tradição cultural quando à expressão idiomática, diz o texto: “Nos tempos antigos, em Israel, quando uma pessoa desejava saber a vontade de Deus, costumava dizer: ‘Vinde vamos ao vidente!’, porquanto naquela época se chamava o atual ‘profeta’ [nābî] de ‘vidente’ [ro’eh]”.

Em seu livro, *O Oráculo de Delfos*, Marion Giebel conta que o sobrinho de Constantino, Juliano, tentou retomar o culto pagão no Império Romano e enviou um mensageiro ao oráculo de Delfos, diante do qual a pítia entregou o seguinte oráculo:

*Diz ao soberano que a cidade adornada pela arte está destruída.
Febo não mais possui um teto, nem um loureiro profético;
Emudeceu-se a fonte sussurrante, calou-se a água murmurante.*

A essa época (séc. III d.C) o Império Romano vivia já o esplendor da fé cristã espalhada por todo seu domínio, e não mais era necessária a manutenção do oráculo, uma vez que as consultas serviam não apenas ao povo buscando por causas comuns, mas aos reis que buscavam junto à Pítia conselhos de guerra -- como relatado por Heródoto acerca das Guerras Médicas entre os gregos e persas². Afora o quesito prático da não mais necessidade da manutenção do Oráculo, o Cristianismo já era inquestionavelmente a fé de toda a Terra, e assim o paganismo chegava ao fim de uma era.

O ato de conhecer

Dos temas fascinantes ao homem, um dos que naturalmente se apresentaram primeiro foi o do ato de conhecer, ou melhor dizendo, a capacidade de inteligir, que é *compreender algo utilizando a inteligência*.

Desde o início do pensamento como atividade ordenada cientificamente, o que se deu com homens como Tales de Mileto (Turquia) nos áureos séculos VI-VII a.C, fascinou os pensadores a capacidade intelectual. Por que os homens pensam? E só eles pensam? Tales defendeu a tese de que todas as coisas estavam cheias de divindade, ou seja, de que o divino a tudo preenchia. Se pelo lado teológico ele acertou esplendorosamente, pois como diz o apóstolo “porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos”³, na linha de pensamento tomada séculos mais tarde por Aristóteles, a conclusão de Tales era problemática pois se tudo está impregnado de alma, então tudo é inteligente – e isso definitivamente não é verdade. À semelhança de pensador de Mileto, também Empédocles (Sicília, Itália) esbarrou na compreensão sobre a ação intelectiva, quando alcançou a visão de que “pelos elementos corpóreos e pela referência ao semelhante cada coisa é conhecida”. Não apenas pelo semelhante, e esse problema foi bem tratado pelo filósofo de Estagira em seu famoso “De anima”, quando defende que não é lógica a ideia de que o conhecimento se dá pelos semelhantes, pois se assim fosse o homem não conheceria os ossos, mas os ossos conheceriam os ossos, as veias, as veias e apenas o leão conheceria o leão. Para conhecer a inteligência, fazia-se necessário conhecer primeiro a alma, e ninguém conheceu-a tão bem quanto Aristóteles.

A discussão sobre a intelecção teve ao longo da história da Filosofia três grandes momentos, em Demócrito, posteriormente em Platão e por fim em Aristóteles. Demócrito (Grécia), filósofo grego considerado dos pré-socráticos, concluiu em sua defesa do intelecto que “toda causa de qualquer conhecimento nosso está somente em que, dos corpos em que pensamos, provêm imagens que entram em as nossas almas”⁴, pensamento problemático pois não via o processo intelectivo como sendo servido pelos sentidos, mas por um “influir” do além, por meio do

² Dão conta da existência histórica do Oráculo de Delfos não apenas Heródoto, como tantos outros personagens históricos à semelhança de Platão, Ésquilo e Cícero.

³ At 17.

⁴ Não há obras de Demócrito preservadas hoje, tudo o que sabemos, o sabemos por meio de outros escritores, como o próprio Aristóteles.

pensar; em Platão a questão avança, e vai por outro extremo quando o filósofo defende sua teoria de que a intelecção se dá por meio diferente do *dos sentidos*, sendo uma virtude imaterial que não se serve de órgãos corpóreos. Platão difere então de Demócrito uma vez que este defende “imagens que influem para a alma daquele que intelege”, e aquele defende que “os sentidos ocorrem por meio dos órgãos sensitivos, e só podem intelijir o sensível; a alma não pode ser alimentada pelos sentidos, captando tudo o que é não sensitivo”. Aristóteles achega-se à discussão pela *via do meio* (sua marca) e reúne ambas as compreensões e postula que: a) Platão tem razão em separar alma de sentidos; e b) Demócrito acertou em compreender a intelecção como uma ação interna na alma; e assim, traz Aristóteles a posição definitiva de que c) os sentidos dão ao homem o conhecer de tudo o que é sensível, mas não pela absorção da sensação em si, e sim pela capacidade intelectual de transformar sensações em imagens, que absorvidas pela alma se transformam em pensamento. Em complemento, o filósofo defende ainda a superioridade do agente intelectivo e não do elemento, ou seja, se em Platão a realidade impera – o objeto é superior a tudo --, em Aristóteles aquele que pensa é o ser superior, e por ser superior a tudo o mais, cabe a ele a primazia de receber conhecimento não apenas daquilo que pode ser sentido, mas também do que é insensível, ou invisível. Alcança então Aristóteles a resolução da fórmula que vê no homem alguém que pode absorver o conhecimento daquilo que pode ser tocado e do que pode apenas ser imaginado.

O avanço do modo de conhecer na Era Cristã

Mil anos depois as conclusões pré-socráticas encontram seus maiores embates, quando Agostinho de Hipona (Argélia) no século III d.C dá início ao esmiuçar da questão intelectiva, e juntamente com São Tomás de Aquino (Itália), que no séc. XIII d.C conclui o pensamento intelectual e nos entrega tal compêndio. Temos então a devida compreensão que assim se apresenta.

O mundo não se faz conhecido apenas por espécies como apresentado em Platão, pois além das classes temos também os indivíduos. Conhecer os cavalos não nos faz conhecer Bucéfalo, assim como conhecer os homens não nos torna conchedor de Alexandre. O pensamento platônico foi uma resposta à errática de Heráclito que dizia que “não é possível tocar duas vezes a água de um rio que corre” pois tudo estava em constante movimento. O pensamento de Heráclito trouxe tamanha confusão ao mundo da filosofia que, a partir de sua elaboração tudo passou a ser irreal e, consequentemente, nasce a amoralidade pois se nada é – tudo pode ser, ou não ser – então não deve haver mais obrigações pois não há mais certeza. Platão põe fim à essa escola diabólica e restaura a ordem das coisas evidenciando que sim, há o ser água, o ser rio, o ser oceano assim como há a espécie dos homens que tocam o rio, dos cavalos que bebem as águas, há também a dos navios que navegam o mar. Após essa ordenação em Platão faz-se necessário aprofundar o conhecer do indivíduo na Era Cristã e evidenciar a relação entre tudo o que existe, e essa relação se dá individualmente.

Todo o cristianismo é individual. Deus não escolheu um povo, ele apareceu a Abrão; assim como o povo pediu a Deus um rei e Deus não lhes entregou a monarquia, entregou um homem, Saul; Cristo veio não apenas para salvar a todos os povos, veio salvar Agostinho, Tomás. Essa relação não se dá apenas entre pessoas, seres individuais dotados de alma, se dá também entre tudo o que existe uma vez que Agostinho não escreve livros, ele escreve o livro *De Civitate Dei*, escreve *De Trinitate*, escreve *De Gratia et Libero Arbitrio*. E aqui fica um ensinamento de ordem prática a todos nós, ninguém faz nada que não seja pontual. Para se formar uma família é preciso primeiro conhecer uma esposa (um marido), para se ter muitos filhos é preciso primeiro ter um, para ganhar dinheiro é preciso arrumar um emprego – o homem traz à realidade elementos que, unidos, formam a realidade.

A profecia na Igreja

Passamos então naturalmente do tempo antigo, considerado clássico, ao médio com Agostinho e São Tomás no estabelecer da sã doutrina e chegamos ao estudo moderno, ou atual, do ofício profético ainda existente na Igreja, administrado pelo Espírito Santo de Deus junto à comunidade dos santos. Diz o apóstolo Paulo:

Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil. Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; e a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar; e a outro, a operação de maravilhas; e a outro, a profecia; e a outro, o dom de discernir os espíritos; e a outro, a variedade de línguas; e a outro, a interpretação das línguas. Mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer. – I Co 12:4-11

Que os dons do Espírito permanecem na Igreja mesmo após a Festa de Pentecostes é matéria inegável, apesar de tentativas constantes há dois mil anos de fazer cessar a ação do Vento Impetuoso. Acerca deles dão testemunho os santos padres em Eusébio que viveu no séc. III d.C quando exerceu o bispado em Cesareia (Palestina), disse ele:

Irineu relata [...] Uns, de fato, expulsam os demônios com firmeza e em realidade, de tal modo que muitas vezes os que se viram livres dos espíritos malignos crêem e permanecem na Igreja. Outros têm presciênciā do futuro, visões, palavras proféticas, outros curam os doentes por imposição das mãos e restituem-lhes a saúde; ainda no presente, conforme dissemos, até mortos ressuscitam e vivem conosco por bastante tempo. E então?

Impossível calcular o número dos carismas que, no mundo inteiro, a Igreja recebe de Deus, em nome de Jesus Cristo, crucificado sob Pôncio Pilatos. Ela os emprega diariamente para beneficiar os gentios, sem defraudar, nem reclamar dinheiro. Recebeu gratuitamente da parte de Deus (Mt 10,8), distribui grátis.”

E em outra passagem, escreve o mesmo Ireneu: “Conforme ouvimos, na Igreja muitos irmãos são dotados de carismas proféticos e por ação do Espírito falam todas as línguas; manifestam, quando de proveito, os segredos dos homens e explicam os mistérios de Deus”. Estas as referências sobre a permanência, até a época de que tratamos, dos diferenciados carismas naqueles que eram dignos.⁵

E não apenas no terceiro século como ainda hoje se veem, apesar de tentativas do inimigo da Igreja em levantar suspeitas quanto à veracidade do poder de Deus por um lado, por outro burocratizar o soprar do Espírito de tal forma que Deus só atua em definitivo se aprovado pelos modelos científicos de seus sacerdotes. Proteger a sã doutrina é dever da Igreja, impedir a

⁵ Citação da História Eclesiástica, de Eusébio de Cesareia (Livro V, Capítulo VII) onde repete os escritos de Ireneu de Lyon (Turquia), que foi bispo em Esmirna no fim do séc. II d.C.

ação do Espírito é não apenas inútil como um erro grave contra aquele que não admite blasfêmia.⁶

Quanto ao modo de operação do espírito profético do qual nos fala Irineu, quem nos ensina é São Tomás de Aquino, na Suma Teológica Vol. III, Q. 171, Da profecia, onde diz:

Devemos notar, em relação às graças gratuitas, que certas respeitam ao conhecimento; outras, a palavra; outras, aos atos.

O doutor da Igreja alerta na abertura da questão que os dons dos quais o menor dos apóstolos faz lista na primeira carta aos Coríntios operam em três vias diferentes: conhecimento, palavra e ato. Prossegue:

A revelação profética abrange não só os acontecimentos humanos futuros, mas também as causas divinas... as substâncias espirituais... e se estende aos atos humanos.

A doutrina de São Tomás quanto à Profecia é perfeitamente acabada, não deixando sobra para dúvidas quanto ao menor ponto do espírito profético e sua atuação. Em uma série fulminante de artigos, o autor passeia dentre todos os pontos necessários, são eles:

- a) A profecia é relacionada intrinsecamente ao conhecimento. Ainda que o profeta fale de algo que lhe excede o conhecimento, ele conhece antes e fala depois. Foi assim com Daniel quando viu os quatro animais que surgiam do mar: um leão com asas de águia, um urso que trazia três costelas na boca, um leopardo com quatro asas e quatro cabeças e um animal terrível [desconhecido do profeta] com dentes de ferro.
- b) A profecia não é um hábito do profeta. Quem profetiza só pode falar com relação ao que desconhece quando o Espírito se lhe revela. Se o profeta detivesse a revelação, falaria quando quisesse e não quando lhe fosse concedida a informação.
- c) A profecia não se restringe a acontecimento futuros. Ao profeta Isaías, Deus revelou a realidade celeste (Is 6:1), instruiu ainda sobre ações diante da sociedade (58:7) assim como a eventos futuros (47:9). O que é fruto da profecia não necessariamente é o futuro, mas sempre o não revelado. Assim, o profeta é aquele que anuncia o que está encoberto, ou por desconhecimento ou por ação enganosa do homem como quando Ananias e Safira tentam esconder de Pedro o dinheiro da venda de seus bens.
- d) O profeta recebe o conhecimento de Deus. Seja conhecimento supra humano ou conhecimento humano ainda desconhecido pelo profeta, Deus é quem revela ao servo o que está oculto. O apóstolo destaca ainda que o dom de profecia é imperfeito, ou seja, não é senão momentaneamente útil à Igreja, de forma que após a volta de nosso Senhor, o espírito profético desaparecerá pois não se fará mais necessário uma vez que, em Cristo, seremos plenificados em Seu saber (I Co 13:8).
- e) Deus se utiliza do conhecimento humano e da comunicação dos anjos. Não apenas o profeta recebe informação do alto, como Zacarias que recebe suas profecias de um anjo, e assim também Daniel e Ezequiel, como a revelação do que é desconhecido pode vir do lume divino entregue por meio do saber humano (Sl 36:9). De um modo ou de outro, é Deus quem revela ao seu servo aquilo que os demais não podem ver.
- f) A revelação de Deus pode ser acompanhada da tomada dos sentidos ou não. Ressalta São Tomás que as informações entregues por Deus podem ser inteligíveis, ou seja,

⁶ É sobre a autoridade da Igreja sobre o próprio Cristo que se trata o capítulo “O Grande Inquisidor”, de Fiódor Dostoiévski, texto que faz parte do romance Os Irmãos Karamáoz.

compreensíveis, ou podem ser incompreensíveis por serem transmitidas por formas imaginárias. Profecias inteligíveis são como o decifrar de sonhos realizado por José no Egito, ou por Daniel na Babilônia. Intelectualmente (ainda que iluminado do alto) o profeta era agraciado por Deus para revelar o oculto. Profecias ininteligíveis precisam necessariamente passar pela tomada de sentidos, uma vez que o profeta não tem capacidade intelectual para entender o que lhe será revelado. Tipos dessa profecia são as recebidas por Ezequiel, “enquanto eu estava entre os cativos, os céus se abriram, e eu tive visões de Deus”, “no quinto dia do mês, eu sentei na minha casa, e os anciãos de Judá sentados diante de mim, a mão do Senhor Deus caiu ali sobre mim. Então eu contemplei, e eis uma...” e “a mão do Senhor estava sobre mim, e me carregou para fora no espírito do Senhor, e me pôs no meio de um vale que estava cheio de ossos”. Apenas em espírito um ser humano pode ver e intelijir as maravilhas de Deus, foi assim também que o próprio Cristo doutrinou o apóstolo Paulo (II Co 12:1-6).

- g) O dom de profecia é utilitário à Igreja. Assim como os demais dons, seu uso deve ser sempre guiado para a instrução dos membros do Corpo de Cristo, uma vez que Deus não está mais se relacionando com o mundo por meio de anúncios nacionais, dirigidos a raças e nações em específico, mas sim a toda a Terra – que agora compõe seu domínio, diferente do Velho Testamento onde em Sião estava sua morada (Dn 7:13-14). Justamente por este motivo utilitário da ministração dos dons, o apóstolo Paulo fala que o dom de línguas edifica apenas ao próprio orante, e assim para que a oração em línguas seja realizada em público é indicada a presença de outro cristão agraciado por Deus com o dom de interpretação da língua dos anjos.

Fernando Melo

Brasília, 29 de dezembro de 2021.